

cento. Portanto, os fiéis pagadores do dízimo compreendem o que é viver com prudência e tendem a ser mais autoconfiantes.

Aprendi que as mais ricas bênçãos do Senhor são espirituais e, muitas vezes, relacionadas à família, aos amigos e ao evangelho. Com frequência, é como se Ele nos abençoasse com maior sensibilidade à orientação do Espírito Santo, especialmente quanto ao casamento e em questões familiares, como a criação dos filhos. Essa sensibilidade espiritual pode ajudar-nos a ter a bênção da harmonia e paz no lar. O Presidente James E. Faust comentou que o pagamento do dízimo é “um excelente seguro contra o divórcio” (“Como Enriquecer Seu Casamento”, *A Liahona*, abril de 2007, pp. 2–6).

Pagar o dízimo ajuda-nos a desenvolver um coração humilde e submisso, e o coração grato tende a confessar a mão do Senhor em todas as coisas (ver D&C 59:21). O pagamento do dízimo contribui para que desenvolvamos a generosidade, a capacidade de perdoar e a caridade, em um coração repleto do puro amor de Cristo. Passamos a estar sempre ávidos por servir e abençoar o próximo com o coração cheio de obediência e submissão à vontade do Senhor. Quem paga regularmente o dízimo tem sua fé no Senhor Jesus Cristo fortalecida e desenvolve um testemunho firme e duradouro do Seu evangelho e de Sua Igreja. Nenhuma dessas bênçãos é financeira ou material, sob qualquer aspecto, mas certamente estão entre as mais ricas bênçãos do Senhor.

Testifico que, se pagarmos o dízimo fielmente, o Senhor abrirá as janelas do céu e derramará Suas mais ricas bênçãos sobre nós. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Lynn G. Robbins
Dos Setenta

“Que Tipo de Homens [e Mulheres] Devereis Ser?”

Que nosso empenho em desenvolver atributos semelhantes aos de Cristo seja bem-sucedido, para que Sua imagem seja gravada em nosso semblante e Seus atributos se manifestem em nossa conduta.

“Ser ou não ser” é realmente uma boa pergunta.¹ O Salvador fez essa pergunta de modo bem mais profundo, tornando-a uma pergunta doutrinária vital para cada um de nós: “Que tipo de homens [e mulheres] deveis *ser*? Em verdade vos digo que deveis ser como *eu sou*” (3 Néfi 27:27; grifo do autor). A primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser* é *Eu sou*. Ele nos convida a tomar sobre nós Seu nome e Sua natureza.

Para tornar-nos como Ele *é*, precisamos também *fazer* as coisas que Ele *fez*: “Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu evangelho; e sabeis o que deveis *fazer* em minha igreja; pois as obras que me vistes *fazer*, essas também *fareis*” (3 Néfi 27:21; grifo do autor).

Ser e *fazer* são coisas inseparáveis. Como doutrinas interdependentes, elas reforçam e promovem uma à outra. A fé inspira a pessoa a orar,

por exemplo, e a oração, por sua vez, fortalece a fé que ela tem.

O Salvador com frequência denunciava os que *faziam* sem *serem*, chamando-os de hipócritas: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Marcos 7:6). *Fazer* sem *ser* é hipocrisia, ou seja, simular o que não é: é ser fingido.

Por outro lado, *ser* sem *fazer* é vazio, como em “a fé, se não tiver as obras, *é morta* em si mesma” (Tiago 2:17; grifo do autor). *Ser* sem *fazer* não é *ser* de verdade: é enganar-nos a nós mesmos, crendo que somos bons, simplesmente por termos boas intenções.

Fazer sem *ser* (hipocrisia) passa uma falsa imagem para os outros, ao passo que *ser* sem *fazer* passa uma imagem falsa para nós mesmos.

O Salvador repreendeu os escribas e fariseus por sua hipocrisia: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais” — algo que eles

faziam — “a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé” (Mateus 23:23). Em outras palavras, eles não *eram* o que deviam *ser*.

Embora reconhecesse a importância de *fazer*, o Salvador identificou *ser* como “o mais importante”. A importância maior de *ser* é ilustrada nos seguintes exemplos:

- Entrar nas águas do batismo é algo que *fazemos*. O *ser* que precisa vir antes disso é a fé em Jesus Cristo e uma vigorosa mudança no coração.
- Tomar o sacramento é algo que *fazemos*. Ser digno de tomar o sacramento é algo bem mais sério e importante.
- A ordenação ao sacerdócio é um ato que *fazemos*. A questão mais séria, porém, é o poder no sacerdócio, que se baseia nos “princípios da retidão” (D&C 121:36) ou *ser*.

Muitos elaboram uma lista de coisas a *fazer*, para lembrar-se do que desejam realizar. Mas as pessoas raramente fazem uma lista de coisas que devem *ser*. Por quê? *Fazer* envolve atividades ou acontecimentos que podem ser assinalados na lista, quando estão *feitos*. Ser, porém, nunca acaba. Não há como assinalar como concluídas as coisas que você deve *ser*. Posso levar minha mulher para passear numa bela noite de sexta-feira. Isso é algo que vou *fazer*. Mas *ser* um bom marido não é um evento único: é algo que precisa *ser* parte da minha natureza, do meu caráter, de quem eu sou.

Ou como pais, quando é que podemos assinalar um filho como algo *feito* e acabado? *Ser* bons pais é algo que nunca acaba. E para sermos bons pais, uma das coisas mais importantes que podemos ensinar aos nossos filhos

é como *serem* mais semelhantes ao Salvador.

Não se podem ver os atributos cristãos de que *somos* feitos, mas eles são a força motivadora por trás do que *fazemos*, que é algo que pode ser visto. Quando os pais ajudam um filho a aprender a andar, por exemplo, vemos os pais *fazendo* coisas como segurar ou elogiar o filho. Essas coisas que eles *fazem* revelam o amor que não vemos no coração deles e a sua invisível fé e esperança no potencial do filho. Eles continuam se esforçando dia a dia: uma evidência do quão pacientes e diligentes eles *são*.

Como o *ser* causa o *fazer*, e é o motivo por trás do *fazer*, ensinar a *ser* vai melhorar o comportamento mais do que a ênfase no *fazer*.

Quando os filhos se comportam mal, quando brigam entre si, por exemplo, geralmente direcionamos erroneamente nossa disciplina ao que eles *fizeram* ou na briga que observamos. Mas o *fazer* — o comportamento deles — é apenas um sintoma da motivação invisível que eles têm no coração. Podemos perguntar-nos: “Que atributos, se forem compreendidos pelos filhos, corrigiriam esse comportamento no futuro? Ser paciente e perdoar quando incomodados? Amar e ser pacificadores? Assumir responsabilidade pessoal pelos próprios atos e não pôr a culpa nos outros?”

Como é que os pais ensinam esses atributos aos filhos? Nunca teremos maior oportunidade de ensinar e demonstrar atributos cristãos a nossos filhos do que na maneira como os disciplinamos. O termo *disciplina* deriva da mesma raiz da palavra *discípulo* e implica paciência e ensino da nossa parte. Não deve ser exercida com raiva. Podemos e devemos disciplinar da maneira que Doutrina e Convênios 121 nos ensina: “Com persuasão,

com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido; com bondade e conhecimento puro” (versículos 41–42). Esses são atributos de *ser* cristãos que devem fazer parte de quem *somos*, como pais e discípulos de Cristo.

Por meio da disciplina, o filho aprende a respeito das consequências. Nesses momentos, é útil transformar as coisas negativas em positivas. Se o filho confessar ter feito algo errado, elogie a coragem que teve para confessar. Pergunte ao filho o que ele aprendeu com o erro, dando a vocês, e mais importante, ao Espírito, a oportunidade de tocá-lo e ensiná-lo. Quando lhe ensinamos a doutrina pelo Espírito, essa doutrina tem o poder de mudar a própria natureza dele *ser* ao longo do tempo.

Alma descobriu esse mesmo princípio, que “a pregação da palavra exercia uma grande influência sobre o povo, levando-o a *praticar* [ou fazer] o que era justo — sim, surtia um efeito mais poderoso sobre a mente do povo do que a espada” (Alma 31:5; grifo do autor). Por quê? Porque a espada enfocava somente a punição do comportamento (*fazer*), ao passo que a pregação da palavra mudava a própria natureza das pessoas — quem elas *eram* ou em quem podiam *tornar-se*.

Um filho afável e obediente leva os pais a matricular-se somente no Curso Básico de como ser pais. Se vocês forem abençoados com um filho que ponha sua paciência à prova, então estarão matriculados no Curso Avançado para pais. Em vez de questionar o que fizeram de errado na vida pré-mortal para merecer isso, vocês podem considerar um filho mais desafiador como uma bênção e uma oportunidade para vocês se tornarem mais semelhantes a Deus. Com qual filho sua paciência e longanimidade

e as outras virtudes cristãs têm maior probabilidade de serem testadas, desenvolvidas e refinadas? Quem sabe, vocês precisam desse filho tanto quanto ele precisa de vocês?

Ouvimos o conselho de condenar o pecado, mas não o pecador. Da mesma forma, quando nossos filhos se comportam mal, precisamos tomar cuidado para não dizer coisas que os façam acreditar que aquilo que *fizeram* de errado define quem eles *são*. “Jamais permitam que um fracasso progrida de uma ação para uma identidade, usando rótulos como “burro”, “lerdo”, “preguiçoso” ou “desastrado”.² Nossos filhos são filhos de Deus. Essa é sua verdadeira identidade e seu potencial. O plano Dele é ajudar Seus filhos a sobrepujar os erros e as más ações e a progredir para tornarem-se como Ele *é*. O comportamento decepcionante, portanto, deve ser considerado como algo temporário, e não permanente — um ato, e não uma identidade.

É preciso ter cuidado, portanto, ao usar expressões permanentes como: “Você sempre (...)” ou “Você nunca (...)”, quando estiver corrigindo alguém. Evite em especial expressões como “Você nunca leva em conta o que estou sentindo” ou “Por que você sempre chega atrasado?” Frases como essas fazem as ações parecerem identidade e podem exercer uma influência contrária no autoconhecimento e na autoestima da criança.

A confusão de identidade pode também ocorrer quando perguntamos aos nossos filhos o que querem *ser* quando crescer, como se aquilo que uma pessoa *faz* profissionalmente define o que ela *é*. Nem as profissões nem as coisas que possuímos podem definir a identidade ou o valor pessoal. O Salvador, por exemplo, era um humilde carpinteiro, mas é pouco



provável que isso definiria Sua vida.

Para ajudar nossos filhos a descobrir quem eles são e fortalecer seu valor pessoal, podemos cumprimentá-los devidamente por sua realização ou comportamento: o *fazer*, mas seria ainda mais sábio focar ou elogiar principalmente seu caráter e suas crenças: quem eles *são*.

Nos esportes, um modo sábio de elogiar o desempenho dos filhos — *fazer* — é por meio do ponto de vista do *ser* — como sua energia, perseverança, firmeza diante do adversário, etc. — e assim estaremos elogiando tanto o *ser* quanto o *fazer*.

Quando pedimos a nossos filhos que *façam* certas tarefas, podemos também procurar meios de elogiá-los pelo que eles *são*, como: “Fico tão feliz quando você cumpre suas tarefas de boa vontade”.

Quando os filhos recebem o boletim escolar, podemos elogiá-los por suas boas notas, mas algo que talvez tenha um benefício mais duradouro seria elogiá-los por sua *diligência*: “Você entregou todos os seus deveres. Você é alguém que sabe lidar com coisas difíceis e concluí-las. Estou orgulhoso de você”.

Na hora de ler as escrituras com a família, procurem e discutam exemplos de atributos encontrados na leitura do dia. Uma vez que os atributos semelhantes aos de Cristo são dons de Deus, e não podemos desenvolvê-los sem a ajuda Dele³, orem por esses dons na oração familiar e na pessoal.

À mesa de jantar, conversem de vez em quando sobre atributos, principalmente os que encontraram nas escrituras na leitura da manhã. “De que maneira cada um de vocês foi um bom amigo hoje? Como demonstraram sua solidariedade? De que maneira a fé ajudou vocês a vencer os obstáculos de hoje? De que maneira mostraram que são dignos de confiança? Que são honestos?” Generosos? humildes?” Esses são exemplos de atributos encontrados nas escrituras que precisam ser ensinados e aprendidos.

O modo mais importante para ensinar a *ser* é *sermos* o tipo de pais que o Pai Celestial é para nós. Ele é um Pai perfeito e compartilhou conosco Seu manual para pais: as escrituras.

Meu discurso de hoje foi dirigido principalmente aos pais, mas os princípios se aplicam a todos. Que nosso empenho em desenvolver atributos semelhantes aos de Cristo seja bem-sucedido, para que Sua imagem seja gravada em nosso semblante e Seus atributos Se manifestem em nossa conduta. Assim, quando nossos filhos ou outras pessoas sentirem nosso amor e virem nossa conduta, isso os faça achegarem-se a Ele. É minha oração e testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. William Shakespeare, *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, ato 3, cena 1, linha 56.
2. Carol Dweck, como citado em Joe Kita, “Bounce Back Chronicles,” *Reader's Digest*, maio de 2009, p. 95.
3. Ver *Pregar Meu Evangelho, Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 121.